



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024**

BOLSONARO E PISÍSTRATO: MECANISMOS DE PROPAGANDA POLÍTICA

Ayara Floquet da Silva¹; Brian Gordon Lutalo Kibuuka²

1. Bolsista – PIBIC/FAPESB, Graduando em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

floquetayara@gmail.com

2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

bgkibuuka@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Bolsonaro; Pisístrato; Política.

INTRODUÇÃO

Aristocrata, Pisístrato foi o tirano que por três vezes tomou o poder em Atenas da antiguidade, utilizando mecanismos de propagandas políticas para consolidar o seu poder perante a sociedade ateniense. Sua biografia e ações políticas podem ser encontradas em duas fontes literárias, nas obras de Tucídides e Heródoto. Em ambas as fontes históricas mencionadas, o ponto chave para o trabalho se encontra na manipulação do povo por meio da repressão violenta ou passiva.

Similarmente ao ocorrido em Atenas de Pisístrato, as campanhas do ex-presidente do Brasil, Bolsonaro, contaram com grande investimento em campanhas publicitárias para manutenção de seu poder, que induziram no tecido social, especialmente em seus apoiadores, um clima hostil e irresponsável que desencadeou no atentado de 8 de janeiro. As construções dessas discussões provocaram indagações acerca das influências das relações de poder na História Antiga com a política brasileira, principalmente no governo Bolsonaro, tendo em vista não somente o alcance do debate, mas também o entendimento do surgimento do bolsonarismo. É possível encarar os dois momentos históricos a partir das mesmas perguntas: Como a manipulação emocional contribui também para a manipulação dos corpos? Por que certas narrativas permitem a exploração, escravização e propagação do discurso de ódio?

Com essas questões em mente, a pesquisa pretendeu investigar os mecanismos de propagandas políticas com o objetivo de encontrar algumas semelhanças entre as figuras históricas mencionadas, analisar os instrumentos simbólicos-narrativos de poder utilizados pelo tirano Pisístrato, compreender o discurso como recurso de manipulação na antiguidade e contemporaneidade e realizar catalogação das fontes através dos modalizadores: poder, propaganda e tirania.

METODOLOGIA

Fruto de um estudo documental baseado nas narrativas de Heródoto e Tucídides, a pesquisa adota uma abordagem foucaultiana, utilizando a análise dos discursos e a noção

de poder, teorias e conceitos desenvolvidos por Michel Foucault para compreender criticamente diferentes aspectos da sociedade.

O poder em Foucault é entendido da seguinte maneira: o poder não existe sem a imposição de um discurso da verdade e a aplicação da técnica do direito para subjugar os demais. Sendo assim, o poder não estará centralizado, nem em posse de (visto que não se trata de um objeto), mas sim repartido entre as pessoas pertencentes a um grupo revertido de articulações, hierarquias, influências e contextos. (Foucault, 1998).

As observações e análises dos discursos foram baseadas na tese de que o discurso atravessa o poder e o saber, se estruturando enquanto uma maneira de controlar as mentalidades e configurações sociopolíticas. (Foucault, 1970).

Diante disso, catalogações foram feitas seguindo os padrões: a) menções a Pisístrato; b) menções às tiranias e às estratégias políticas; c) os feitos durante a tomada de poder; d) a relação do tirano com os partidários.

Consequentemente, as discussões apresentadas ao decorrer deste artigo serão norteadas pelos tópicos apontados acima, com a finalidade de comprovar a tese de que certas estratégias políticas usadas na contemporaneidade possuem origens na política antiga (especificamente, nesse caso, a ateniense).

RESULTADOS

O relato de Heródoto sobre a tirania de Pisístrato começa no livro I, CLIO (LIX). Toda a narrativa desse primeiro livro mostra como Pisístrato tornou-se “o senhor de Atenas” e os mecanismos usados nas três tentativas.

A partir desse ponto, o autor discute como as facções de Megacles e de Licurgo se unem para expulsar o tirano, seguido do restabelecimento de uma velha disputa que culmina na proposta de Megacles a Pisístrato para restabelecê-lo no poder se esse casasse com sua filha. Heródoto conta que através de um golpe teatral Pisístrato simulou a captura de Minerva, deusa da sabedoria, e conquistou novamente o governo de Atenas. Para reconquistar o trono, Pisístrato retorna às cidades às quais tinha prestado serviço, acumula algumas riquezas e faz novos aliados que, posteriormente, se apoderam de Maratona e junto com os partidários de Hípias – filho do tirano – consolida a tirania pela terceira vez. O apoio das tropas auxiliares, a grande quantidade de riqueza aglomerada em prata retirada do rio Estrímon e do próprio país, além da boa conduta com os atenienses que não tinham fugido, foram elementos essenciais para a materialização da subordinação dos atenienses.

Na narrativa de Heródoto, os relatos sobre Pisístrato se entrelaçam com as referências aos Alcmeônidas, o que pode ser explicado pela influência política dessa poderosa família e sua ligação direta com o tirano por meio do casamento de Pisístrato com a filha de Megacles, como já mencionado. Além disso, a continuidade de seu regime, mantida por seus filhos Híparco e Hípias, também é abordada nas fontes herodotianas. Nesse contexto, a lealdade e a subordinação dos partidários de Pisístrato emergem como elementos cruciais para a manutenção da tirania dos Pisistrátidas. Segundo as exposições de Heródoto, a libertação de Atenas só foi possível depois que os Alcmeônidas dominaram os partidários de Pisístrato.

A Guerra do Peloponeso de Tucídides foi um dos documentos analisados para entender as trajetórias do aristocrata e quais narrativas eram contadas a seu respeito. Apesar do

enfoque na guerra, Tucídides dedica alguns breves momentos da sua escrita para falar de Pisístrato e fazer menções às tiranias como um todo, sendo encontradas duas passagens sobre esse ponto, a exemplo de que a democracia ateniense não possuía o mesmo formato democrático exercido hoje, inclinando-se mais para uma tirania a qual os povos subjugados reagiam e se revoltaram. (Tucídides, 2013, p.42)

De acordo com a exposição tucidideana, Pisístrato foi sucedido por seus filhos e Atenas continuou a prosperar, entretanto, o cenário muda quando o destino dos irmãos se cruza com o dos amantes Harmódio e Aristógito. Hiparco se apaixonou por Harmódio, que rejeitou suas tentativas de aproximação e expôs os acontecimentos a Aristógito, que ao ser rejeitado insultou a irmã de Harmódio. Tucídides aproveitou esse episódio para destacar a opressão velada como estratégia política da tirania.

Percebe-se que os relatos de Heródoto e Tucídides se complementam, Heródoto foca nas estratégias de poder dos Alcmeônidas e de Pisístrato, enquanto Tucídides trata da continuidade da tirania e das novas dinâmicas políticas após a morte do tirano, conectando esses eventos à sua narrativa da Guerra do Peloponeso.

Na contemporaneidade, Jair Bolsonaro conquistou popularidade, visibilidade e apoio após ser esfaqueado durante uma campanha eleitoral. O ex-presidente mencionou o episódio em entrevistas e passeatas, tornando-se foco de destaque em veículos de comunicação. Ademais, a lealdade dos partidários de Pisístrato pode ser vista nos bolsonaristas radicais, que, instigados pelo discurso do ex-governante, acamparam em frente ao QG do Exército e invadiram e depredaram o Congresso Nacional, o Supremo Tribunal Federal e o Palácio do Planalto em uma tentativa de golpe no dia 8 de janeiro de 2023.

A supremacia como forma de domínio é evidente nos mecanismos de propaganda política usados por Jair Bolsonaro, com a disseminação de notícias falsas por seu grupo. Mesmo ausente dos debates, Bolsonaro apresentou desinformação nas redes sociais, como a falsa alegação de que traficantes ligados ao PT (Partido dos trabalhadores) proibiam sua propaganda, compartilhada por seu filho e outros aliados. Essa manifestação, tanto na Atenas Clássica quanto no Brasil atual, mostra que tiranias, discursos de ódio e marginalização não são apenas produtos do poder, mas também da convivência daqueles que o elegend.

Os governos autoritários de Pisístrato e Bolsonaro são exemplos que permitem observar como a fluidez do poder ocorre nas relações sociais e como são criados os "sujeitos soberanos".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exame das trajetórias políticas de Pisístrato e Jair Bolsonaro revela semelhanças significativas nos métodos de propaganda e manutenção do poder, mesmo em contextos históricos tão distintos. Ambos os líderes utilizam a figura de um inimigo comum durante períodos de instabilidade política como uma ferramenta de manipulação, despertando na população um sentimento de representação e identificação. Esses elementos são cruciais para a construção da autorreprodução do poder e para a afirmação de sua supremacia.

A análise dos discursos de Heródoto e Tucídides, fundamental para a elaboração deste artigo, confirma que a fluidez do poder estabelece um padrão de controle e submissão dos corpos. Isso se dá através da criação de um símbolo, seguido pelo fomento de um medo

irreal, que intensifica o desejo de segurança e estabilidade, abrindo caminho para a dominação. Após a submissão, aqueles que se insurgem são marginalizados, mas com o tempo, podem retornar com a força das mudanças sociais.

Esse estudo demonstra que, além das diferenças contextuais, a manutenção do poder está intrinsecamente ligada à criação de um discurso simbólico eficaz, seja na antiguidade clássica, seja no Brasil contemporâneo, o domínio político e penetra o imaginário social, perpetuando a hegemonia de um líder ou de um grupo no poder.

Por fim, é importante ressaltar que o estudo das relações de poder na História Antiga se mostra mais necessário do que nunca para combater os movimentos autoritários que proliferam em todo o mundo. A investigação da construção da noção de cidadania, a compreensão dos acordos políticos e a interpretação dos registros do “cotidiano” de um passado remoto nos aproximam de nossa realidade atual. Quando nos distanciamos, a identificação das estratégias de dominação se torna evidente. A comparação entre a tirania de Pisístrato e o governo de Jair Bolsonaro exemplifica de maneira clara como a antiguidade se entrelaça com a contemporaneidade, mesmo que de forma não intencional.

REFERÊNCIAS

CHAVES, Eduardo, et al. Em 2022, gastos do governo Bolsonaro com publicidade na tevê são os maiores desde o começo do mandato. Piauí, 01 de agosto de 2022.

<<https://piaui.folha.uol.com.br/em-2022-gastos-do-governo-bolsonaro-com-publicidade-na-teve-sao-os-maiores-desde-o-comeco-do-mandato/>>.

CONDILO, Camila da Silva. O papel dos tiranicidas na constituição da identidade democrática em Atenas. *Classica*, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 78-92, 2007.

DOURADO, Tatiana Maria Silva Galvão. Fake News na eleição presidencial de 2018 no Brasil. 2020.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

GRAMSCI, A. Concepção dialética da história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HERÓDOTO. História. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Terrorismo em Brasília: o dia que bolsonaristas criminosos depredaram Planalto, Congresso e STF. G1, 08 de janeiro de 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/01/08/o-dia-em-que-bolsonaristas-invadiram-o-congresso-o-planalto-e-o-stf-como-isso-aconteceu-e-quais-as-consequencias.ghtml>>.

TUCÍDIDES. História da guerra do Peloponeso. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.